

Em sete décadas de jornalismo, Carlos Bastos conversou, entrevistou e conviveu com todos os personagens importantes da política e do jornalismo feitos no Rio Grande do Sul



reportagem cultural

O homem que estava lá

Márcio Pinheiro, especial para o JC

A referência, extremamente pessoal, nesse caso se faz necessária por uma curiosidade: se não fosse pelo entrevistado, o entrevistador não estaria aqui. Me explico: foi Carlos Bastos o responsável por apresentar minha mãe ao meu pai e, dessa maneira, permitir que - 63 anos depois - eu e ele pudéssemos estar frente a frente para essa conversa.

E que conversa! A poucos dias de completar 90 anos (no próximo dia 25 de julho), Carlos Henrique Esquivel Bastos, o mais completo e longo repórter político do Rio Grande do Sul, é uma usina de histórias. São centenas de relatos repletos de personagens (muitos deles históricos) quase sempre acompanhados por uma

análise sutil e bem-humorada.

A lamentar apenas a decisão dele - ainda em tempo de ser modificada - de não colocar tudo isso em livro. "Sou muito desorganizado, indisciplinado, sem capacidade de ordenar tudo o que vi e sei", justifica-se, ainda que para essa tarefa não faltem voluntários dispostos a reunir essas informações. "Vamos ver", responde ele deixando uma porta aberta.

Gaúcho de Passo Fundo, em Porto Alegre desde os 16 anos, Carlos Bastos é o mais jovem dos quatro filhos do casal formado por Brasileiro Araújo Bastos e pela argentina Rosa Esquivel Bastos. Casado com Ana Maria Goulart Lopes de Almeida - sobrinha do ex-presidente João Goulart - Bastos é pai de quatro filhos e avô de quatro netos.

O gosto pelo jornalismo é de infância. Em Passo Fundo, Bastos aprendeu a ler com os diários da cidade: o *Diário da Manhã*, de Túlio Fontoura, e *O Nacional* de Múcio de Castro, pai de Tarso de Castro, e também o vespertino *Diário da Tarde*, de Danilo Quadros. Já a partir de meados dos anos 1950, em Porto Alegre, onde começaria sua carreira, ele passaria por todas as redações - das que ainda existem às que se perderam pelas constantes modificações na imprensa.

Nessa atividade, ele conversou, entrevistou e conviveu com todos os personagens importantes da política feita no Estado nas últimas sete décadas: de João Goulart a Paulo Brossard, de Leonel Brizola a Nelson Marchezan, de Sinval Guazzelli a Ildo Meneghetti, para

ficar apenas entre os que já morreram. Com muitos dos que permanecem vivos (e ativos), ele ainda mantém contatos esporádicos, embora reconheça - como tantos entre seus pares da crônica - a decadência da representação política. "Profissionalmente é difícil compará-lo a outros colegas, por sua longevidade e pela sua proximidade com grandes figuras", destaca José Fogaça, ex-senador e ex-prefeito de Porto Alegre.

Ativo, com ótima agilidade mental, Carlos Bastos apenas se queixa dos limites físicos. Seu corpo não acompanha mais a cabeça, o que o impede de sair e de frequentar ambientes pelos quais sempre circulou, como redações, restaurantes, bares, reuniões políticas e jogos e reuniões do Conselho do seu clube, o Grêmio.

Conversar com Carlos Bastos é também reviver uma parte fundamental do jornalismo, aí incluídos nomes que tiveram alcance nacional, como os barões da imprensa Samuel Wainer, Breno Caldas e Maurício Sirotsky Sobrinho. "Minha turma está indo embora", resigna-se - ainda que lhe reste a companhia de velhos amigos como Flávio Tavares, Ivette Brandalise e Jayme Sirotsky, seu colega desde os bancos escolares em Passo Fundo - ao lembrar de velhos colegas, como Tarso de Castro, Lauro Schirmer, Fausto Wolff, Paulo Sant'Ana, Carlos Fehlberg, João Souza e Ibsen e Laila Pinheiro, o casal que foi apresentado por ele na redação da Última Hora, como está narrado no início do texto.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O que os artistas têm a ver com isso?

O Rio Grande do Sul, depois dos últimos acontecimentos, está enfrentando novos desafios nos setores de espetáculos e divertimento, com resultados os piores possíveis. Há poucos dias, assistimos a uma queda de braço entre o Ministério da Fazenda e o Congresso Nacional a respeito do Perse, um fundo de incentivo para o setor. Este incentivo havia sido criado para o enfrentamento da crise provocada pela Covid-19. A alegação do Executivo é que a crise já passara. Acabou prevalecendo o entendimento do Legislativo e o Perse foi estendido, embora com algum regramento mais rígido, o que não foi de todo ruim.

O setor não havia ainda respirado aliviado e no Rio Grande do Sul começou o episódio das chuvas, que ainda não se esgotou. Resultado: todos os teatros cancelaram programações, artistas e grupos e produtores cancelaram espetáculos, o setor todo está paralisado, morto, uma vez mais. Evidentemente, para além da impossibilidade prática de deslocamentos, os teatros, em boa parte, encontram-se debaixo d'água e, quando as águas se retirarem, necessitarão de uma recuperação absoluta. Quantos meses até retomarmos as condições ideais de jogo no Rio Grande do Sul?

No caso dos teatros, imagine-se o Centro Municipal de Cultura? E a Casa de Cultura Mário Quintana? E os museus? O Teatro São Pedro, no alto da colina em que nasceu a cidade, o prédio em si está a salvo, até agora: felizmente, nos meses de férias de verão, ocorreram obras de recuperação de toda a estrutura de telhado da construção, a cargo da Associação de Amigos. Mas com o desligamento da energia elétrica, por alegadas questões de segurança, pela CEEE Equatorial, as bombas de sucção de água foram silenciadas. E o terceiro subsolo do Multipalco está absolutamente invadido pelas mesmas águas que ocuparam todo o nosso Centro Histórico, cercaram o Mercado Público, isolaram a Praça da Alfandega, e assim por diante.

Imaginemos que, num passe de mágica, tudo ficasse seco e restaurado. Qual é o clima para que haja público para um espetáculo, com cerca de 300 mil pessoas desabrigadas e mais de duas centenas de pessoas mortas, sobretudo, o que chamo

de mortos silenciosos, idosos, crianças e animais domésticos, aqueles que são nossos companheiros cotidianos, como cachorros e gatos, antes de tudo, mas cavalos, galinhas, coelhos, porcos... O universo sul-riogandense sabe bem do que estou a falar. No episódio da Covid, a retomada se deu gradativamente. Foram muitos meses até voltarmos a ter espetáculos de teatro, shows musicais, concertos. Não que não se queira ou não se precise, pelo contrário, precisamos muito - lembrem que, numa guerra, uma das questões estratégicas é garantir alguns divertimentos para os soldados, e daí a visita de artistas de referência a tais agrupamentos.

O governador Leite traduziu com perfeição o momento: necessitamos de um Plano Marshall. Mas escrevo esta coluna na quarta-feira, e não sabemos bem o que é o anúncio aterrorizante, para esta madrugada em diante, de novas chuvas, queda de temperaturas, granizo. Quando isso vai acabar e vamos começar a pior e nova etapa, que é a recuperação? Como organizar um Plano Marshall neste momento?

Os artistas, de novo, estão recolhidos à sua solidão e desamparo. E o público, de certo modo, também abandonado. Nos últimos dias, na cidade de Porto Alegre, foram cancelados o Festival de Teatro Infantil, o Palco Giratório, e corremos o risco de termos as programações de junho também prejudicadas. Por enquanto, praticamente todos os teatros cancelaram suas programações do mês de maio por inteiro.

O Rio Grande do Sul tem como padroeiro São Pedro, segundo as tradições culturais populares. O que fez o apadrinhado de tão terrível para ser assim amaldiçoado? O desrespeito ao meio ambiente? As legislações que desrespeitam o bioma pampa? As perspectivas de construirmos represas em áreas de nascentes de rios? A perda de vegetação, sempre crescente? Não sei responder e, claro, isso é uma metáfora. Mas não é metafórico o fato objetivo de que desmatamento, desrespeito a nascentes e intervenção indevida sobre proteções naturais fazem com que percamos as defesas para eventos climáticos. Aqui fizemos, aqui estamos pagando. Mas o que os artistas têm a ver com isso???



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Esquecidos

Numa época em que são muitas as possibilidades de serem vistos ou revistos clássicos do cinema - a maioria em telas pequenas e que, por vezes, não fazem justiça a obras que o tempo não destruiu - muitos títulos que, no seu tempo, foram saudados por espectadores e críticos como trabalhos de muitos méritos têm sido vítimas do esquecimento. Cada cinéfilo tem sua lista, e muitas delas são integradas por trabalhos assinados por diretores que, infelizmente, não desfrutam hoje da fama alcançada por aqueles que certamente nunca serão desalojados do grupo considerado o mais importante. Clarence Brown (1890-1897) é um deles. Famoso por ser o diretor de vários filmes interpretados por Greta Garbo, Brown foi um realizador plenamente adaptado ao estilo Metro, empresa produtora a qual foi ligado durante a vida. Diz a lenda que ele um dia, argumentando que sempre seguiu a linha da empresa, disse que gostaria de realizar um filme pessoal. A Metro, que seguidamente também produzia filmes que contrariavam padrões estabelecidos, concordou e o resultado foi *O mundo não perdoa* (*Intruder in the Dust*), realizado em 1949, obra que é geralmente considerada como a melhor já realizada tendo por base uma obra de William Faulkner. Aqui em Porto Alegre, em 1953, a Metro exibiu o filme nos cinemas onde mostrava sua produção (Avenida e Colombo) somente em três dias, mas não o deixou inédito, possibilitando aos mais atentos o conhecimento de uma obra que foi muito elogiada, entre outros, por Georges Sadoul, que, por sua formação ideológica, não era muito entusiasta de filmes americanos. Aquele crítico e historiador francês cita várias sequências admiráveis e ressalta a maneira como o diretor e seu roteirista, B. Maddow, abordaram o racismo.

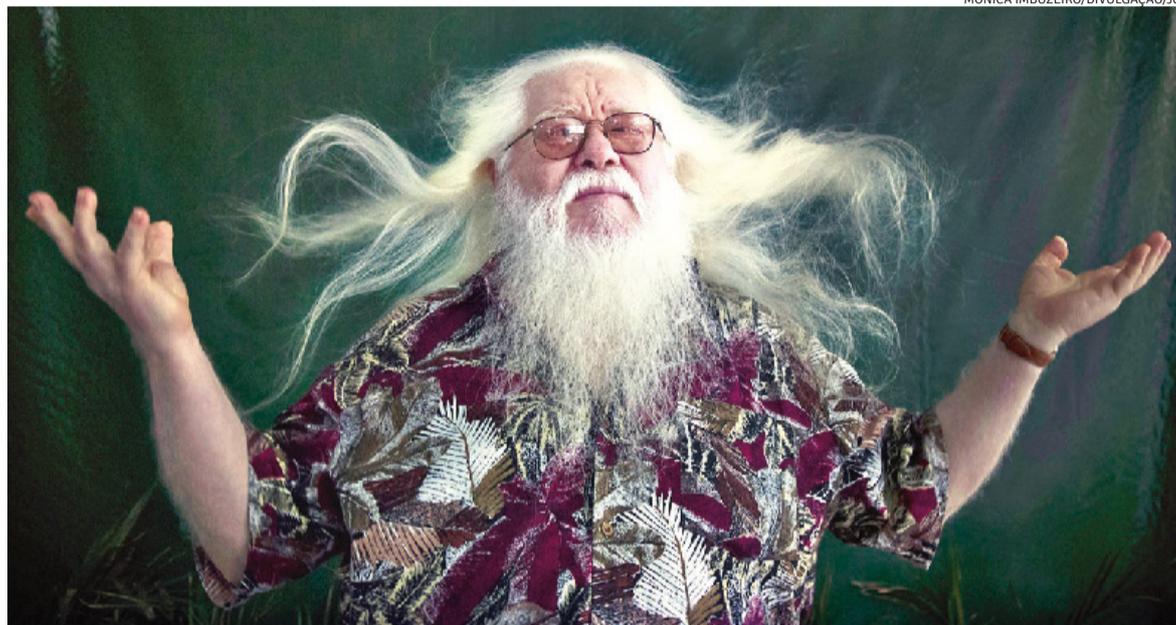
Outro filme admirável e hoje pouco lembrado é o sueco *No caminho do céu* (*Himlaspelet*), dirigido em 1943 por Alf Sjöberg (1903-1980). O filme só foi exibido uma vez em Porto Alegre, numa sessão especial do Clube de Cinema, realizada no dia 30 de dezembro de 1963. O curador da Cinemateca Brasileira, crítico e historiador Paulo Emilio Sales Gomes, colocou este filme na lista

daqueles que nunca esquecerá, ao lado de outras obras-primas que tinha visto durante a vida. Trata-se da fantasia em torno de um homem que, vendo sua amada sendo injustamente queimada como bruxa, inicia uma jornada que termina diante do Juiz Supremo, a fim de que um erro seja corrigido. Eis um filme que certamente atravessou o tempo. Em seu dicionário, Jean Mitry destaca o filme e assinala que Syoberg não foi apenas um predecessor de Ingmar Bergman, pois foi também seu mestre. O filme é um daqueles que permanece na memória pela forma inventiva como narra sua história e pela grandeza de suas imagens. E por alguns momentos realmente surpreendentes e tocados de humor, como a reverência feita pelo Maligno diante do poder maior. Como o filme circulava duas décadas depois de realizado e por ter sido realizado num país onde o patrimônio cultural é cultuado e preservado, sua desapareição das salas especiais e de outros meios de exibição é um fato lamentável.

Em 1962, quando filmes populares transcorridos no passado produzidos por estúdios italianos eram execrados por muitos críticos, nomes como Riccardo Freda e Vittorio Cottafavi eram destacados por críticos franceses. Porém, de certa maneira, houve harmonia entre as opiniões, quando Duccio Tessari (1926-1994) realizou *Os filhos do trovão* (*Arrivano i titani*) em 1962. O filme foi lançado aqui em março de 1964 pelo Clube de Cinema, em 22 de maio de 1965. O filme desenrolado numa Creta mitológica começava com uma brilhante partitura de Carlo Rustichelli, o que já o diferenciava de trabalhos semelhantes. O filme se relacionava com o tema luta pela liberdade, o que, naquele ano, não deixou indiferente até mesmo críticos preconceituosos com o gênero. Havia momentos notáveis como a utilização do hino dos fuzileiros navais norte-americanos quando o exército do rei ditador desembarcava numa praia. E, para o pessoal de teatro, uma informação valiosa: a assistente de direção foi Ariane Mnouchkine, que depois, em 1964, fundaria na França o Théâtre du Soleil.

fique ligado

Hermeto Pascoal ganha sua primeira biografia



MÔNICA IMBUZEIRO/DIVULGAÇÃO/JC

Obra é escrita pelo jornalista Vitor Nuzzi e terá lançamento nacional no dia 15 de maio

O compositor, arranjador e multi-instrumentista brasileiro Hermeto Pascoal ganhará sua primeira biografia. Com 280 páginas, o livro *Quebra Tudo - A Arte Livre de Hermeto Pascoal* é escrito pelo jornalista finalista do Prêmio Jabuti Vitor Nuzzi. Ele estará disponível para compra a partir do dia 15 de maio, pelo valor de R\$ 50,00.

Resultado de mais de 50 entrevistas e anos de pesquisa, o livro conta um pouco da história e das histórias protagonizadas pelo artista de Lagoa da Canoa, na região de Arapiraca, em Alagoas. A obra é lançada pela gravadora, produtora e editora Kuarup e tem prefácio do pesquisador Tárík de Souza e posfácio do professor Paulo Tiné.

Hermeto já ganhou Grammy, se tornou Doutor Honoris Causa na Julliard School das mãos de Wynton Marsalis, virou nome de rosa cultivada pelo cantor e compositor João Bosco e também deu nome a uma nova espécie de árvore, gigante, descoberta por cientistas. Com seu grupo, continua tocando todos os sons no mundo todo.

Erasmoo Carlos ganha álbum póstumo

O cantor, compositor e referência do rock nacional Erasmo Carlos ganhou, na última sexta-feira, um novo álbum, que rece-

SOM LIVRE/DIVULGAÇÃO/JC



beu o nome *Erasmoo Esteves*. Com produção de Pupillo e Marcus Preto, a obra (lançada pela Som Livre) conta com 14 faixas inéditas, compostas por Erasmo e com vozes de artistas como Tim Bernardes, Xênia França, Rubel e Emicida.

A produção tem como objetivo reverenciar o legado e a memória musical de Erasmo, mas também esticar o elástico do tempo e juntar os anos de 1960 e 2020 para (re)apresentar o Tremendão para além da

Jovem Guarda.

O projeto se iniciou no ano de 2022, após o álbum *O Futuro Pertence à... Jovem Guarda*, realizado em colaboração entre Erasmo Carlos, Marcus Preto e Léo Esteves, ganhar o Grammy Latino. A produção visual conta com uma série de cadernos, manuscritos, poemas, bilhetes de amor, ras-cunhos e anotações pessoais de Erasmo. Este material foi o ponto de partida de muitas composições presentes, além de ter sido aproveitado para a capa e projeto gráfico como um todo.

Músicas inéditas de Rita Lee

Ainda neste mês de maio, Roberto de Carvalho lançará a primeira música de Rita Lee, um ano após a morte da artista (e amor da vida dele). E mais músicas estão por vir. A informação foi publicada pelo próprio Roberto de Carvalho, na conta dele no Instagram, ao compartilhar uma entrevista cedida à revista Piauí. “Ainda estou descobrindo o que ela deixou. Tem muita coisa. Dia desses, encontrei um caderno cheio delas”, contou Carvalho, sobre letras inéditas de Rita Lee.

Entre as letras não musicadas que serão trabalhadas por Carvalho está *Ego*, publicada por Rita no livro *Rita Lee: uma autobiografia* (2016).

Em certo trecho da letra, Rita escrevera: “*Do Deus que eu duvidei, o sim / Das mortes que vivi, o além / Dos vícios*

que virei refém / Dos bichos que sou, felina / Na velha que estou, menina”

“Eu amo esses versos”, declarou Carvalho.

Segundo o viúvo da cantora, além de um caderno com letras inéditas, o acerto de Rita também inclui gravações não oficiais, ensaios em fitas cassete e sobras.

Além desse material cru, Rita Lee havia trabalhado no projeto *Bossa n' Movies*, que acabou não sendo levado adiante. Três músicas do projeto foram gravadas, duas delas recebendo a gravação de voz de Rita.

É uma delas que será lançada ainda em maio, após a exibição de um clipe inédito no Fantástico, da Globo. A data de lançamento ainda não foi confirmada.

CAIO WEBBER/WIKIMEDIA COMMONS/REPRODUÇÃO/JC



Primeira das canções inéditas da cantora deve sair ainda em maio

LS Jack lança primeiro EP de inéditas em 20 anos

A banda de pop/rock dos anos 2000 LS Jack lançou seu novo EP nesta quinta-feira. Intitulado *Três*, o projeto está nas principais plataformas digitais e promete ser nostálgico. As cinco faixas abordam temas relacionados ao amor, à vida e às rela-

ções humanas.

“Neste EP, buscamos resgatar a essência da LS Jack, a sonoridade que nos uniu no início da nossa carreira. Temos na veia nossa essência, mas o formato em trio trouxe a possibilidade de a sonoridade espelhar esse novo mo-

mento. É um trabalho que retrata a nossa maturidade musical e a nossa paixão pela música”, diz a banda no material promocional.

O single de lançamento do EP, intitulado *Cantinho*, é uma canção que celebra o amor sob a perspectiva feminina. A can-

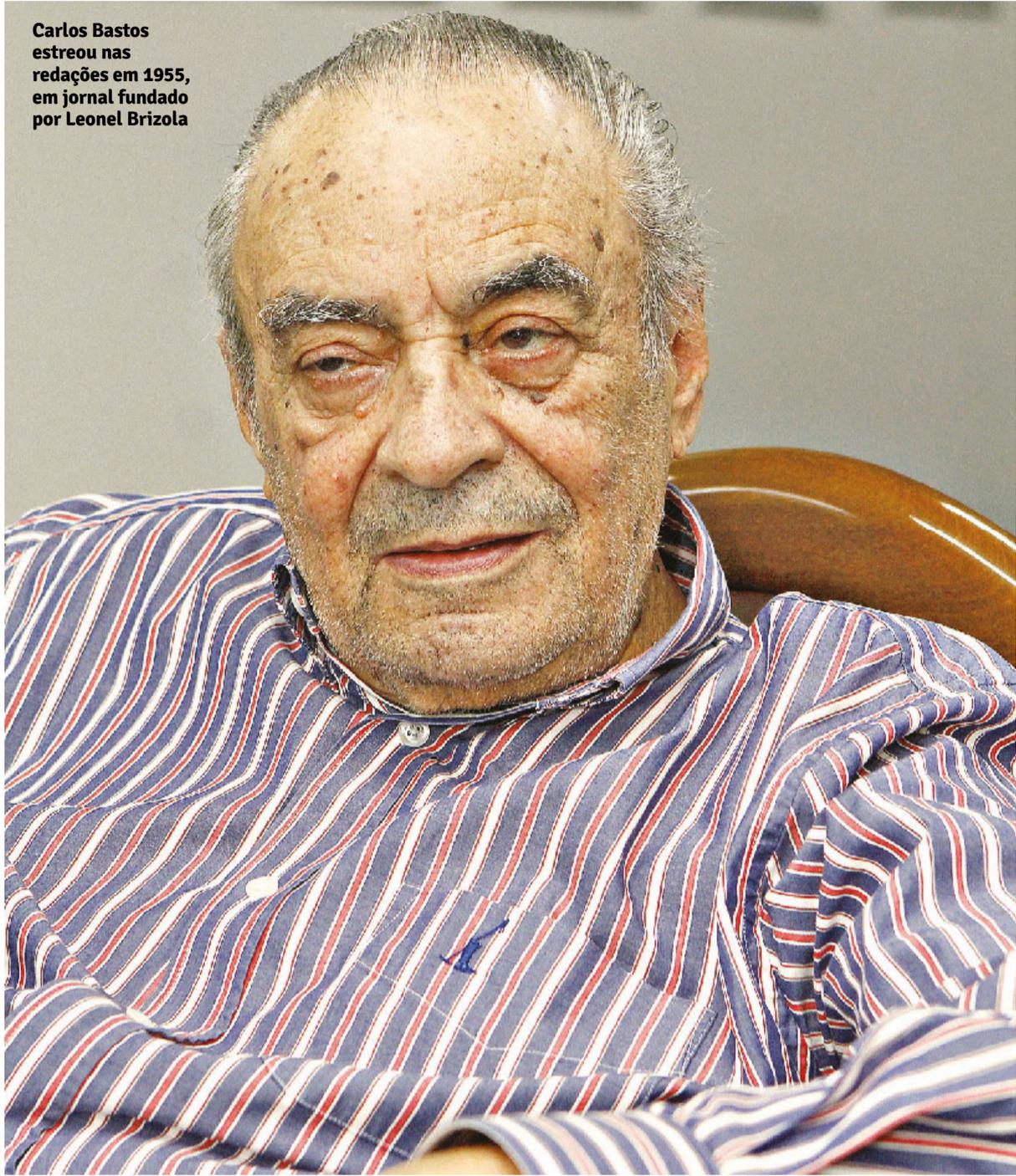
ção, baseada em uma poesia de Patrícia Carvalho e musicada pela banda, chega acompanhada de videoclipe protagonizado pela própria artista, gravado na casa da multiartista Maureen Miranda, na Ilha da Gigóia, Rio de Janeiro.

Formado em 1997, o LS Jack é conhecido por hits como *Carla*, *Sem Radar* e *Amanhã não se Sabe*. Com mais de 3 milhões de discos no Brasil, o novo formato da banda, em trio, promete explorar novas sonoridades e expandir seus horizontes musicais.

reportagem cultural

MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC

Carlos Bastos estreou nas redações em 1955, em jornal fundado por Leonel Brizola



O começo na conturbada década de 1950

Márcio Pinheiro, especial para o JC *

A carreira jornalística iniciou em 1955, e Carlos Bastos não podia ter encontrado momento mais propício para essa estreia profissional. O Brasil vivia o ano em que Juscelino seria eleito presidente, e ainda sofria o período de crise política agravada pelo suicídio de Getúlio Vargas, no ano anterior.

Também em 1955 seria criado em Porto Alegre *O Clarim*, jornal que o então deputado federal Leonel Brizola lançou para dar sustentação à sua candidatura à prefeitura de Porto Alegre. “Eu comecei em *O Clarim*, levado pelo Hamilton Chaves”, lembra Bastos. “Um aspecto relevante na personalidade do Bastos é a lealdade. Ele sempre foi um grande e admirado amigo do meu pai”, ressalta o fo-

tógrafo Ricardo Chaves, o Kadão, filho de Hamilton.

Em *O Clarim*, Bastos fazia a cobertura do setor sindical na coluna intitulada *Porta de Fábrica*. Como o jornal já nasceu com prazo de validade, o projeto foi abandonado com a realização do pleito daquele ano. “Brizola ganhou a eleição em outubro e fechou o jornal em fevereiro. Ele fez o jornal apenas para ganhar a eleição.”

Bastos, então, encontrou abrigo em outro diário, *A Hora*, só que afastado da redação. “Minha primeira tarefa foi na área de circulação, o que me permitiu viajar bastante e conhecer grande parte do Rio Grande do Sul.”

O reencontro com a reportagem se daria em 1957, quando Bastos pôde voltar à redação atendendo a um convite do então

chefe de reportagem, José Silveira, e do secretário de redação, Lauro Schirmer. José Silveira, gaúcho de Santana do Livramento e um ano mais velho, é outro que Bastos aponta como sendo um de seus mestres. “Conheci o Silveira quando servimos o Exército e nunca perdemos o contato”, diz Bastos a respeito do amigo, que logo depois seguiria para o Rio e faria uma longa e exitosa carreira, em especial como secretário de redação do *Jornal do Brasil* e depois como chefe da sucursal da *Folha de S.Paulo*.

Mas poucos anos depois, tão logo a nova década se apresentasse, Carlos Bastos entraria numa nova fase. Ele seria testemunha e ativo participante do maior acontecimento político presenciado pelos repórteres de sua geração.

Um militante pela Legal

Em agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, o Brasil viveu uma de suas mais graves crises institucionais. Com a saída de Jânio era esperado que seu vice, João Goulart (eleito no mesmo pleito, porém por uma outra chapa), assumisse a presidência tão logo retornasse da China, onde liderava uma missão comercial. Porém a questão não era tão simples e, para combater o veto dos militares e fazer valer

a legitimidade de Jango, o governo do Rio Grande do Sul liderou a Campanha da Legalidade. “No dia da renúncia, eu era repórter da *Última Hora*”, explica Bastos. “Quando cheguei ao jornal, a redação estava um caos.”

Passando dias e noites entre o Palácio Piratini e o jornal, andando armado e dormindo pouquíssimo, Bastos viveu intensamente aqueles dias. “Ali, eu me tornei trabalhista”, confessa.

Três histórias de Carlos Bastos

1. Atrás da cortina

“Eu era próximo do deputado Guilherme do Valle. Era um parlamentar de Caxias do Sul, com quem eu tinha um ótimo relacionamento. Muitas vezes saíamos para beber depois do encerramento das sessões na Assembleia. Em uma dessas conversas, ele me contou algo impressionante. Foi em 1959, logo depois de o Wilson Vargas ter perdido a eleição de prefeito para o Loureiro da Silva. Por causa do resultado e da maneira como o Brizola, então governador, conduziu a campanha, a bancada de deputados estaduais ficou indignada e pediu uma reunião com Brizola. Era uma bancada imensa: 23 deputados num total de 55. Houve discussões acirradas, cobranças e o Brizola precisou se explicar. O Guilherme do Valle me contou tudo e eu fiz a reportagem para *A Hora* com a manchete: “Bancada quer reunião da franqueza”. O Sereno Chaise, que também era deputado e meu amigo, no dia seguinte, me disse: “Entraste numa fria. Quem te contou isso, inventou. Não aconteceu nada”. Eu respondi: “Sereno, a reunião não foi na sala da presidência?”. Ele me confirmou. “Sabe aquelas cortinas enormes que têm lá?” Ele disse: “Sei”. Aí eu respondi: “Eu estava atrás de uma daquelas cortinas”. Aí ele rebateu, rindo: “Como tu é mau caráter” (risos). E eu agradei: “Obrigado, agora você me confirmou a notícia” (risos).”

2. Guru das pesquisas

“Em 1982 seriam realizadas as primeiras eleições para governador em quase 20 anos. Na época, eu era diretor de jornalismo na TV Gaúcha e fui ao Rio de Janeiro para participar de uma reunião na Globo. Cada chefia deveria dar uma prévia de como estava o quadro do seu estado. Pedi para a Alice-Maria, que comandava a reunião, para dar a minha opinião sobre o Rio Grande do Sul e também um palpite sobre o Rio. Era março e o Brizola estava com 4%. “Sandra Cavalcanti está com 50%. Não sei se o Brizola ganha, mas vai disputar no Fotochart”, falei, usando uma linguagem de turfe”. Brizola ganhou e Alice-Maria me disse: “Tu és o meu guru. Agora, vou te ligar em todas as eleições”.

3. Duas misses

“Quando estava na TV Difusora, contratei a Ana Amélia (então repórter de economia, futura senadora pelo PP-RS) junto com a Ieda Maria Vargas (Miss Universo em 1963). Ana Amélia descobriu que ganhava menos e veio reclamar comigo. Eu me expliquei: ‘A Ieda foi Miss Universo e tu, Miss Lagoa Vermelha’.”



CLAUDIO FACHEL/ARQUIVO/JC

Carlos Bastos, em foto de 2007

idade

“Eu já tinha certo vínculo com o PTB, votava em candidatos identificados com o partido, como o Temperani Pereira, mas a partir daquele momento minha relação com a política se modificou.” Bastos ressalta a coragem, a maneira intuitiva e audaciosa de como Brizola se posicionou naquele momento. “O Brizola foi brilhante no modo como organizou a resistência democrática e a defesa da Constituição.”



Leonel Brizola durante as atividades da Cadeia da Legalidade

Futebol e política se misturam

O gosto pelas negociações, pelos debates, sempre fez parte do dia a dia de Carlos Bastos. “Sou de um tempo que se acompanhava a Assembleia Legislativa de perto para saber o que pensavam parlamentares como João Goulart, Leonel Brizola, Paulo Brossard, Daniel Krieger”. A política era compreendida, discutida e vivida. A extensão dessa paixão e o envolvimento - além do jornalismo - com a política e com o futebol fizeram com que ele tivesse uma proximidade maior com o PDT e com o Grêmio. “Bastos sempre ocupou cargos relevantes nas redações. Sempre teve lado, clube e partido, mas chama atenção

o fato de ter exercido com tanta imparcialidade e equilíbrio a sua vida profissional”, reconhece José Fogaça.

Para o Grêmio, Bastos foi levado por Fábio Koff. Foi quando ele participou da primeira eleição disputada pelo dirigente. “Fomos derrotados pelo Hélio Dourado, mas no pleito seguinte ganhamos e o Fábio pôde fazer uma grande gestão”. Assim, próximo dos acontecimentos, por mais de duas décadas, ele atuou nos bastidores da política clubística. “Nunca assumi um cargo diretivo, mas sempre era muito requisitado pelos companheiros pela minha capacidade de ler e compreender os mapas em épo-

cas de disputas eleitorais”.

Já ao PDT, Bastos se filiou tão logo Brizola retornou ao Brasil e começou a estruturar o novo partido. Ele se entusiasmou com a volta do líder político e fez questão de assinar ficha. Nunca deixou de ter uma participação nos processos eleitorais e nas discussões políticas. Hoje, ele dá o seu diagnóstico. “Regionalmente, o PDT está bem”, avalia, falando de sua proximidade com o presidente Romildo Bolzan e de como vê o partido internamente. “Mas temos algumas crises em nível nacional causadas pela briga dos irmãos Ciro e Cid Gomes no Ceará.”

Em todas as redações

Raro caso de jornalista gaúcho que não quis se mudar para o Rio de Janeiro (como Flávio Tavares, Tarso de Castro, José Silveira, Leo Schlafman ou Fausto Wolff), nem para São Paulo (como Hélio Gama, Elmar Bones ou José Antônio Severo), Carlos Bastos construiu toda sua carreira nas redações de Porto Alegre. “Quando os meus contemporâneos foram, eu não senti vontade. Depois, ficou tarde.”

O golpe de 64 o pegou na redação da TV Gaúcha, onde era um dos editores do programa *Show de Notícias*. Ficaria na emissora - já como chefe de reportagem e como um dos participantes da criação do *Jornal Nacional* - até o início da década seguinte, quando desceu o Morro Santa Tereza para ser um dos editores da *Zero Hora*. Na mesma época, Bastos teve ainda uma passagem pela Rádio Gaúcha e, em 1971, deixaria a RBS para coordenar o Departamento de Jornalismo da rádio e da TV Difusora (atualmente Bandeirantes). De 1977 a 1979, atuaria na Rádio

Guaíba e, depois, novamente estaria na RBS para novos períodos na TV e no jornal. Dessa última fase, Bastos viveria um outro grande momento profissional ao ser escalado para cobrir a Assembleia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988. “Foi uma grande experiência”, reconhece. “O País se reencontrava com a democracia e o Congresso Nacional era o centro das decisões políticas.”

De volta ao Estado, Bastos saiu da RBS e se engajou na campanha de Alceu Collares (PDT) ao governo do Rio Grande do Sul, em 1990. Com a vitória de Collares, ele foi chamado para encarar uma função inédita: ser secretário de Comunicação Social. Na sequência, Bastos foi ao Legislativo, como assessor do presidente da Assembleia gaúcha, o deputado João Luiz Vargas, em 1997.

Na mesma linha, outras funções surgiram em governos de Germano Rigotto (MDB, no Piratini), José Fogaça (MDB) e José Fortunati (PDT), os dois últimos na prefeitura de Porto Alegre. Em paralelo, Bastos passou a

assinar, a partir de 1998, uma coluna diária aqui no **Jornal do Comércio**, fazendo o que sabia de melhor: escrever e analisar o quadro político.

Representante de uma estirpe que chegou às redações sem passar pela universidade, Bastos foi um mestre para tantos outros. “Do alto de seu temperamento conciliador, ele seguiu fazendo o trabalho de descobrir ótimos repórteres, motivando-os com boas pautas, valorizando-os e compartilhando a sua vasta experiência”, confirma Juarez Fonseca. “Era um mestre diferente, não do tipo que orientava, mas daqueles que deixam os alunos trabalharem sem pressões desnecessárias”, completa Ricardo Chaves.

E aí está um dos poucos arrependimentos de Carlos Bastos. Ele se ressentia de uma maior formação acadêmica, de um diploma, não por qualquer vaidade, mas porque assim - segundo ele - poderia ter um didatismo maior.

Bobagem, Bastos! Tuas centenas de discípulos nunca sentiram falta disso.

Carlos Bastos fala sobre:

Samuel Wainer

“Eu o considero uma figura incrível e fundamental para o jornalismo brasileiro. Um grande inovador, que sabia não apenas escrever como também administrar. Tinha pleno controle das redações”.

Breno Caldas

“Era um dos velhos barões da imprensa. Com ele tive uma convivência ótima, em alto nível. Ele acompanhava toda a produção jornalística, dava liberdade aos profissionais e

fazia muitas cobranças. Estou podendo recordar muito do estilo dele agora que estou lendo a biografia escrita pelo jornalista Tibério Vargas Ramos”.

Maurício Sirotsky Sobrinho

“Conhecia ele desde os tempos de Passo Fundo. Uma figura fundamental na minha vida profissional. Aprendi muito com ele, em especial quando tive cargos de chefia na TV Gaúcha e na Zero Hora”.

Eles falam de Carlos Bastos

José Fogaça, ex-senador e ex-prefeito de Porto Alegre

“Carlos Bastos é uma das mais verdadeiras e raras testemunhas constantes e presenciais da história política do Rio Grande do Sul e do Brasil. O Bastinhos, como alguns de seus amigos gostam de chamar, é um poço de grandes histórias. Um poço de tranquilidade. Um poço de sabedoria jornalística e política. Sua extraordinária biografia profissional demandaria muitos livros para ser escrita por inteiro”.



Ricardo Chaves, ex-editor de Fotografia de Zero Hora

“Eu já conhecia o Bastos há alguns anos e fui reencontrá-lo no início da década de 1970, quando um grupo comandado pelo Lauro Schirmer assumiu a Zero Hora. Não lembro exatamente a função dele, mas recordo com nitidez que ele tinha sensibilidade para definir quem faria o quê. Graças a ele, eu e o Luiz Cláudio Cunha nos tornamos uma dupla de dois focos animados e fazíamos muitas pautas e viagens pelo interior juntos. Trabalhamos na ZH, na sucursal da Abril, na Isto É e em O Estado de S. Paulo. Nunca agradecemos ao Bastos esse “casamento”, que já dura mais do que o meu com Loraine”.

Juarez Fonseca, jornalista e escritor

“Em 1971, eu era secretário de Redação de ZH e o Bastos, chefe de reportagem. Certo dia, a empresa instituiu o uso obrigatório de crachá. Houve uma revolta: ora onde já se viu jornalistas usando crachá? Na época, só bancários e funcionários públicos usavam. O levante teve como resposta da direção um aviso no mural: quem não usar receberá uma advertência; em seguida, uma suspensão; se insistir na desobediência, será demitido. Bastos, então, falou com um por um dos que se rebelaram argumentando que aquilo era bobagem. Por que não usar um crachazinho? Iriam perder o emprego e iriam também prejudicá-lo. Ainda assim, uns seis foram demitidos. Sabia que a “revolta” era apenas fruto de rebeldia juvenil inconsequente. Eu era um dos “rebelde sem causa”. Perdi o emprego em 31 de agosto de 1971, nove meses depois de contratado. Mas tive sorte: em julho do ano seguinte estava de volta. Bastos também sairia pouco mais tarde para outros desafios que o engrandeceram ainda mais”.



Márcio Pinheiro é jornalista e escreveu os livros *Esse Tal de Borghettinho* e *Rato de Redação - Sig e a História do Pasquim*.

nas telas



Ruth foi primeira grande referência para artistas negros na dramaturgia

Homenagem a Ruth de Souza

Dirigido por Juliana Vicente, o filme *Diálogos com Ruth de Souza* estreia nos cinemas brasileiros neste final de semana. Produzido por Preta Portê Filmes, o longa conta a história de uma das grandes damas da dramaturgia brasileira, com imagens captadas nos últimos dez anos de vida da atriz. A estreia marca os 80 anos da primeira vez de Ruth no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 8

de maio de 1945, com a peça *Imperador Jones*, de Eugene O'neil. Era o primeiro grupo de negros a subir naquele palco. Ruth de Souza se destacou pelo seu pioneirismo e é considerada a primeira grande referência para artistas negros na dramaturgia. Foi a primeira brasileira a disputar um prêmio internacional de cinema e também foi a primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela na TV Globo.

Vivendo de arriscar a própria pele

Filme mais pessoal, até agora, do diretor e dublê da vida real David Leitch, o longa *O Dublê* é uma homenagem aos profissionais que desempenham estes papéis arriscados. Num clima de ação e mistério, o filme conta a história de um

profissional do ramo que, após um acidente que quase acabou com sua carreira, precisa descobrir o paradeiro de um astro de cinema, reconquistar o amor de sua vida e lutar contra uma conspiração, tudo isso enquanto faz o seu trabalho.

Programação especial de Dia das Mães

O Canal Brasil vai comemorar o Dia das Mães deste ano com a estreia de *Pérola* e uma mostra especial com filmes que mostram diferentes histórias relacionadas à maternidade. No domingo, a partir de 20h25min, serão exibidos os curtas *Mãe Solo*, de Camila Lopes de Moraes, e *Vaca Profana*, de René Guerra, e os longas *A Mãe*, de Cristiano Burlan, *Pérola*, de Murilo Benício, e *Benzinho*, de Gustavo Pizzi.

Pérola estreia às 22h30min e traz Drica Moraes no papel da personagem-título. No filme, Mauro (Gustavo Machado), filho de Pérola, volta para a casa da mãe em Bauru após a sua morte, revisita memórias e reconstrói a história de Pérola através de suas lembranças. O drama, baseado no livro homônimo de Mauro Rasi, estreou no Festival do Rio e foi o grande vencedor do 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Medicamento considerado pela OMS como ineficaz no tratamento da covid-19	Forma de tributação de pessoa jurídica	Manobras planejadas pelo trapaceiro	Prisão militar dos EUA em Cuba	Entidade como a Cufa Raiva	Líder político como Rosas, da Argentina
					Pintor brasileiro impressionista
		Tradução de texto bíblico em aramaico			
Fibra têxtil de passadeiras	Vitamina de frutos cítricos		Agente de febre hemorrágica africana	Prefixo de "analgia"	
Coelho, em inglês				Advérbio latino	
Dialeto do grego antigo				Pecado, em inglês	
				Desacompanhados	
Tumultos típicos de torcidas organizadas	Quinn Lord, ator canadense		Foi concedido pelo Uruguai a Jango		
			"(?) de Ronda", sucesso de Luis Miguel		
				Rio que banha São Luís do Maranhão	
		Mostrar o trabalho em galerias de arte	Rua, em francês	Pequeno mamífero que cava túneis	Feito do gancho do açougue
Leito ba-louçante	Neurotransmissor regulador do sono				
Estímulo visual		Instituto de Pesquisas Ecológicas (sigla)		Umberto Lenzi, cineasta italiano	A obses-são de Ricardo III (Teatro)
Coq au (?), iguaria da culinária francesa	Coisa de (?), canal do YouTube			O protagonista da epopeia (Lit.)	Partido dos Trabalhadores
		Objeto do ódio edipiano (Psican.)	Sons indesejáveis na ligação telefônica		
Menos-prezada					
		Nitrogênio (símbolo)	Dígrafo de "chapada"		Semblante
					Formato da curva de retorno
Dito que revela grosseria (bras.)					
Animal dominante na Era Mesozoica					

BANCO 3/rue — sic — sin — vin. 4/nerd. 5/noche. 6/rabbt — targum. 1/4/manoel santiago. 7

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

O	R	U	S	S	O	N	I	D	
G	E	R	S	C	N	V	R	O	F
V	A	D	V	C	R	E	P	E	D
I	O	R	H	O	N	I	V	I	
T	P	T	P	E	P	I			
N	L	U	U	X	Z	L	U	L	
V	N	I	O	T	O	R	E	S	S
S	V	M	A	V	E	D	E		
L	O	S	V	C	V	A	V		
E	H	C	O	N	T	O	P		
O	T	I	S	V	O	I	N	O	J
N	I	S	T	I	T	B	V	A	R
V	D	V	N	E	M	C			
M	U	G	R	V	T	V	T	J	
V	N	I	U	O	O	R	O	T	C
C	O	G							

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

- Áries:** Os impedimentos na lida com dinheiro e bens materiais devem ser contornados com cuidado. Para colaborar com a restauração do equilíbrio geral, seja mais flexível.
- Touro:** Urano e Marte indicam crise com relação aos pensamentos e à condução das relações sociais e amizade. Talvez se afaste das pessoas, por rebeldia e impaciência.
- Gêmeos:** Sua mente está desorganizada, gerando incertezas, aflições e perda de orientação. Não tome decisões, caso realmente se perceba nesse estado.

- Câncer:** Marte e Urano indicam desacordo e impaciência nos negócios e com os amigos. Tendência a polemizar e impor seus pensamentos, em nome de algo que ache certo.
- Leão:** O aspecto tenso indica perturbação nas relações de trabalho, sociedades e negociações. O convívio afetivo será difícil se você insistir em estar mais certo que a outra pessoa.
- Virgem:** Urano semiquadratura Marte aponta para desentendimentos e desorientação nas ações no trabalho e na vida a dois. Podem virar briga se insistir em vencer o outro.

- Libra:** O aspecto do dia indica revisão dos acordos, parcerias e partilhas, em especial no trabalho e nas tarefas cotidianas. A liberdade não pode ser total nem ser ínfima.
- Escorpião:** As relações íntimas, como com os familiares e a pessoa amada, estão agitadas. A inquietação vem do anseio desmedido de liberdade e busca de excitação e aventura.
- Sagitário:** Urano semiquadratura Marte aponta para discussões em casa e nas atividades cotidianas. Haverá de sua parte intranquilidade e agitação, que se refletem no exterior.

- Capricórnio:** Sua mente está inquieta, talvez buscando algo que não sabe bem o que é. A agitação pode cansá-lo sem levar a nada. Procure se concentrar numa atividade de cada vez.
- Aquário:** Um dia de inquietação emocional e mental. O desassossego e a insatisfação levam à irritação e a discutir e brigar com as pessoas próximas, mesmo que à toa e sem motivo.
- Peixes:** Marte e Urano indicam o desejo de se libertar das amarras da rotina. Por outro lado obrigações e impedimentos tendem a lhe confinar onde não desejaria estar.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Complexidades de um casamento inter-racial no Marrocos de 1940

O país dos outros (Editora Intrínseca, 320 páginas, R\$ 69,90, tradução de Dorothée de Bruchard), da franco-marroquina Leïla Slimani, narrativa sobre as complexidades de um casamento inter-racial no Marrocos de 1940, é seu terceiro romance. Ela escreveu *No jardim do ogro* e *Canção de ninar*, vencedor do importantíssimo prêmio Goncourt de 2016.

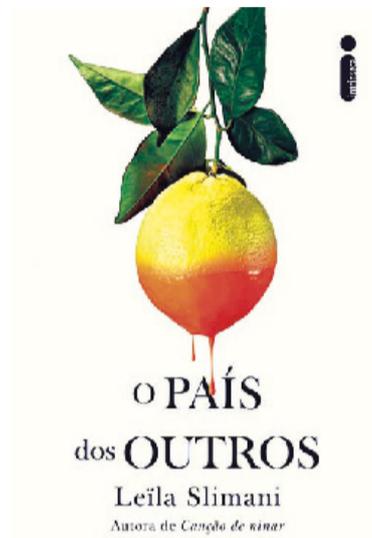
Leila é das intelectuais mais ativas e combativas da França na atualidade, abordando temas essenciais e urgentes como colonização, racismo, diversidade religiosa e dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Inspirada na avó e na história da própria família, Leila construiu habilmente a narrativa que é a primeira de uma trilogia sintonizada com nosso momento e que trata de embates culturais e consequências do colonialismo e do machismo.

Em meio à Segunda Guerra Mundial, Mathilde, uma jovem

alsaciana espirituosa, se apaixona por Amine, um belo soldado marroquino do exército francês. Depois da guerra, o casal se fixa no Marrocos, em Meknés, uma cidade militarizada e com forte presença de colonos franceses. Amine se dedica à lavoura e trabalha nas terras rochosas e ingratas que herdou do pai. Mathilde sente-se sufocada pelo clima e cultura tão diferentes da sua.

Sozinha na fazenda, com dois filhos do casal, ela sofre por ser estrangeira e por falta de dinheiro suficiente. Vida difícil, tensões sociais e religiosas e pouco lazer tornam sua vida penosa, mesmo em família. Ela resolve tentar encontrar novos meios de se inserir na comunidade. A narrativa se desenvolve nos dez anos turbulentos que antecederam a independência do Marrocos, em 1956.

Naqueles momentos fervilhantes, repletos de conflitos violentos, homens, mulheres,



franceses, marroquinos, soldados, camponeses e exilados se encontravam “no país dos outros”, especialmente as mulheres, que vivem na terra dos homens e lutam por emancipação.

A saga familiar traz bem o passado e a autora ficcionaliza com precisão e acuidade a lógica da dominação.

e palavras...

QUÉ PASA, ARGENTINA?

Qué pasa, Argentina? (Globo Livros, 192 páginas, R\$ 30,00), da experiente jornalista carioca Janaína Figueiredo, nascida em 1975, é seu primeiro livro. A obra traz sua vivência de mais de 25 anos na Argentina e a colaboração de muitos especialistas no tema. Trata de história, política, manias e paixões dos nossos queridos vizinhos e hermanos argentinos. Uma tradicional amizade nos une, mesmo que alguns deles digam que Maradona era melhor do que Pelé.

Janaína formou-se em comunicação social pela Universidade Nacional de Buenos Aires, trabalhou nos jornais argentinos *El Cronista* e *Perfil* e colaborou com La Nación, rádios BandNews e CBN e canal GloboNews. Desde 1999 Janaína escreve para *O Globo*, casou com um argentino e tem dois filhos argentinos. Janaína é apaixonada por jornalismo e pela Argentina, país onde foi com a mãe, em 1985, aos nove anos. Brasileiras sempre gostaram de argentinos, é tradição antiga.

No prefácio, Marcos Azambuja, o competente embaixador do Brasil na Argentina entre 1992 e 1997, escreveu: “Em seu livro, Janaína organiza os fatos respeitando, como se deve, sua sequência cronológica e vai construindo uma narrativa fácil de acompanhar. “O embaixador costuma dizer, ilustrando a especificidade dos hermanos, que existem países desenvolvidos, subdesenvolvidos e a Argentina.

O livro é dividido em nove partes. Na primeira, intitulada *O que deu errado?*, a autora lembra que, entre 1895 e 1896, a Argentina foi o país mais rico do mundo em renda per capita e, em 1913, foi a sétima maior economia

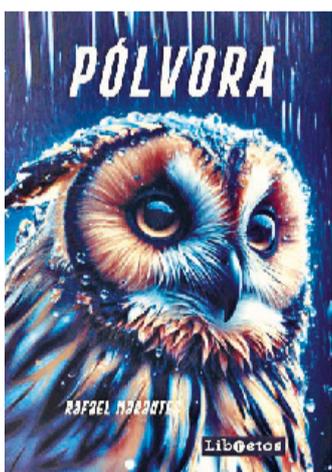
do mundo. O analfabetismo era 20%. A Argentina ganhou cinco prêmios Nobel, o maior número entre países latino-americanos. Janaína fala das sete décadas de desastres políticos e econômicos e da chegada de Javier Milei.

Um pouco de história, segunda parte, trata de história, desde a Independência em 1816 até a chegada de Néstor Kirchner ao poder, entre 2003-2007. A terceira parte trata de peronismo, crise e extrema-direita. O peronismo é dominante na política argentina desde 1940 e Perón foi presidente três vezes, 1946-1955 e 1973-1974, em meio a golpes, votações e posições políticas que variaram de acordo com as circunstâncias enfrentadas. Perón e Getúlio Vargas tinham intenso relacionamento.

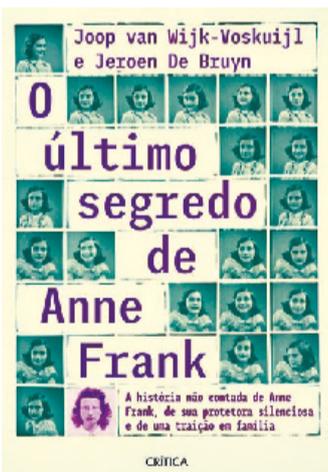
A quarta parte, *Perrenques diários numa realidade surreal*, trata do fato de, nos últimos 48 anos, a Argentina ter lidado com uma taxa de inflação de dois dígitos e fala de governantes do período até o presidente Alberto Fernández, que culpava o ex-presidente Mauricio Macri pelos velhos problemas econômicos.

A quinta parte, *A paixão nacional pelo divã*, traz o interesse dos argentinos pela psicanálise. Ao menos da camada que pode pagar. Os pobres dependem do colapsado setor público de saúde. A experiente psicanalista argentina Adriana Guraieb diz que argentinos gostam de falar de si, de dramatizar e aponta a dificuldade de ser argentino em meio a tantas crises políticas, econômicas, sociais e financeiras que assolam os hermanos. Paranoia do dólar, violência da ditadura, tensões políticas e inflação inquietam os hermanos.

lançamentos



► **Pólvora** (Libretos, R\$ 45,00, 128 páginas), do jornalista e escritor Rafael Marantes, é a empolgante narrativa da investigação de um crime nas Indústrias Guahyba, fábrica de ciborgues em Porto Alegre, em 2254, envolvendo pesquisa ilegal. Num mundo dominado pela inteligência artificial, quem seria ameaçado por uma arma letal banida há anos?



► **O último segredo de Anne Frank** (Crítica-Editora Planeta, 320 páginas, R\$ 80,00), de Joop van Wijk-Voskuil, produtor de vídeo, e Jeroen De Bruyn, jornalista, apresenta a história não contada de Anne Frank, de sua protetora e confidente silenciosa, de uma traição em família e um dos maiores segredos da Segunda Guerra Mundial.



► **Hotel Iris** (Estação Liberdade, 192 páginas, R\$ 59,00), polêmico romance de Yoko Ogawa, teve tradução direta do japonês e publicação pela primeira vez no Brasil. Mari, 17 anos, trabalha num hotel de uma família, num região litorânea. Um homem misterioso, sessentão, e uma prostituta brigam num quarto. Mari acaba se envolvendo com o idoso e a coisa vai longe.

a propósito

A sexta parte do livro traz o ótimo cinema argentino, com Ricardo Darín e a sétima fala de Maradona, Messi e o futebol-religião argentino e a rivalidade que os hermanos têm com o Brasil, que ganhou mais Copas. A oitava parte fala do sufoco de ser argentino e do luxo que pode ser para estrangeiros. A

parte final do livro é dedicada a imigrantes e emigrados, com histórias do Quinto Êxodo. Enfim, como se vê, um ótimo livro para conhecer melhor as qualidades e defeitos dos hermanos e aprender com sua movimentadíssima história, para, quem sabe, não repetir certos erros e copiar acertos. **(Jaime Cimenti)**

pensando cultura

Mestra do Batuque de Umbigada ganha álbum póstumo

Matriarca do Batuque de Umbigada Paulista e primeira mulher a cantar e compor na tradição, Anicide Toledo ganhou um álbum póstumo, lançado na última quinta-feira. O álbum *Dona Anicide* é composto por 15 faixas de modas tradicionais, releituras e parcerias inéditas.

A obra nasce como uma forma de celebrar e registrar parte do processo de transmissão da cultura afro-brasileira entre gerações, especialmente por suas parcerias musicais, artistas reconhecidos nacionalmente e que já estiveram em celebrações da tradição em diferentes momentos. Disponibilizado em todas as plataformas digitais, o álbum ganhará, ainda, 300 cópias físicas que serão distribuídas para grupos de culturas populares paulistas, instituições de ensino e centros culturais afins.

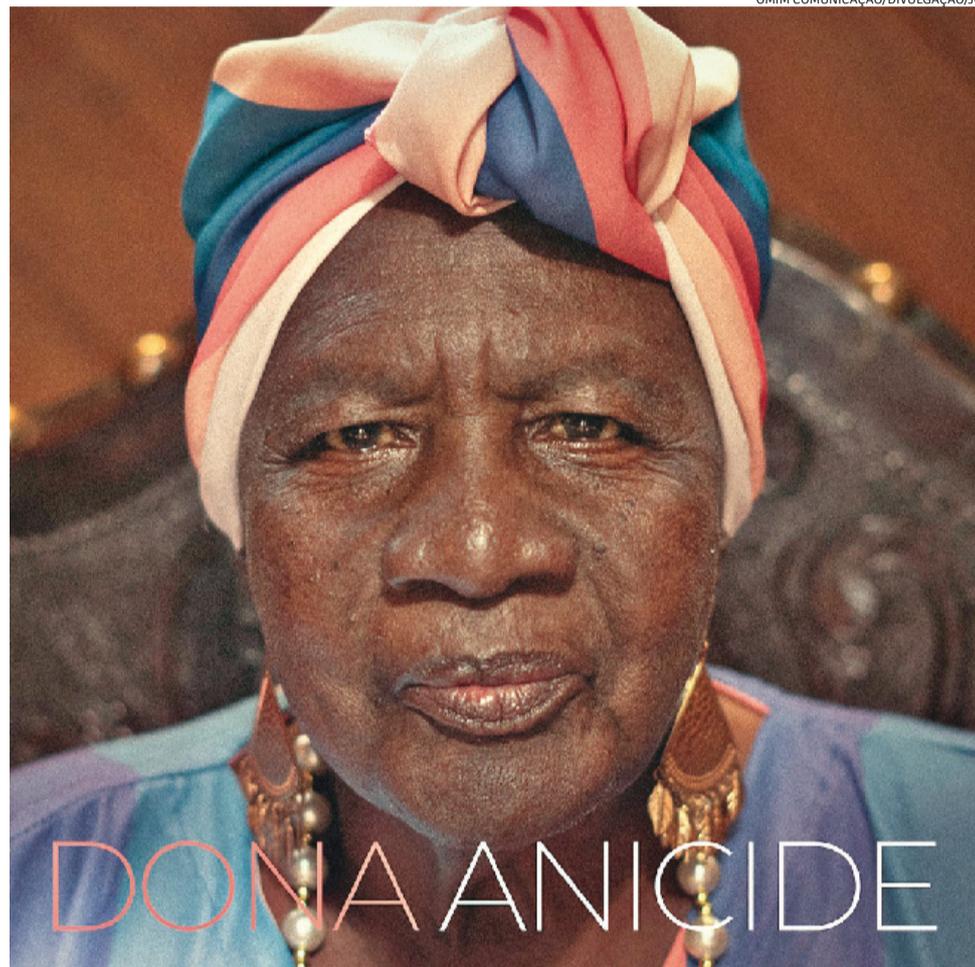
Para transmitir todas as sensações de uma roda de Batuque, o produtor do álbum, Júlio Fejuca, optou por gravar a mestra e os batuqueiros ao vivo. Dividido em 3 atos, o álbum apresenta uma primeira parte mais aberta; uma segunda parte marcada pelas participações de Juçara Marçal e Anelis Assumpção; e uma terceira parte na qual apenas a percussão, voz e um coro de batuqueiros

se complementam.

Anicide Toledo nasceu em Capivari (SP) em 6 de setembro de 1933. Neta de escravizados, ela se tornou a primeira mulher cantora e compositora de modas da Umbigada paulista. Em mais de 40 anos de carreira, Anicide foi vencedora da categoria Mestres e Mestras no Prêmio Leandro Gomes de Barros de Cultura Popular e também premiada por sua relevância cultural no Edital 01/2020 da Lei Aldir Blanc em Capivari.

Tradição definida por crônicas cantadas e por uma dança sincopada pelo toque de tambores, o Batuque de Umbigada ganhou esse nome graças às coreografias marcadas por homens e mulheres dispostos em duas fileiras opostas que, ao se encontrarem, finalizam uma série gestual com uma “umbigada”. O Batuque de Umbigada é uma manifestação cultural de tradição bantu, trazida ao Brasil por populações negras escravizadas vindas, sobretudo, de Angola e dos dois Congos.

Lançada na última quinta-feira nas plataformas digitais, obra que homenageia Anicide Toledo possui 15 faixas e parcerias nacionais



OMIM COMUNICAÇÃO/DIVULGAÇÃO/JC

Expedição de 1901 captou primeiras vozes Tupi Guarani



LUDWIG WIEDEN/UNIVERSITÄT WIEN/DIVULGAÇÃO/JC

A língua Tupi Guarani é uma das mais importantes e faladas no Brasil e na América do Sul. Em 1901, a Academia de Ciências da Áustria realizou uma expedição pelo mundo com o objetivo de registrar vozes humanas e músicas de diferentes povos e línguas em um grande arquivo, chamado Phonogrammarchiv. Entre os locais visitados pela equipe, estava o Brasil, onde o primeiro registro sonoro em faixas com adjetivos, substantivos, verbos e trechos de cantos religiosos foi realizado.

O chefe da expedição era o botânico austríaco Richard Wettstein, que levou os indígenas Joaquim Bento, nascido em São João Batista do Rio Verde, e Samuel Américo dos Santos, nascido em Rio Preto, ambos da terra indígena do bananal de Peruíbe, até a cidade de São Paulo para que fossem

feitas as gravações em discos de metal.

Infelizmente, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os negativos originais dessas gravações foram perdidos. No entanto, através de cópias em discos de cera, pesquisadores europeus conseguiram resgatar o valioso arquivo. Anos depois, em 1999, a Academia de Ciências da Áustria digitalizou todo o acervo e publicou em uma coleção de dois CDs intitulada *The First Expeditions 1901 to Croatia, Brazil, and the Isle of Lesbos*, preservando o patrimônio histórico e cultural.

Recentemente, o acesso a esses registros históricos foi concedido ao Governo do Estado de São Paulo por pesquisadores na cidade de Viena, na Áustria. O convite foi feito à Secretaria da Justiça e Cidadania e à Coordenadoria de Políticas para os Povos Indígenas (CPPPI), que realiza

uma missão na Europa voltada às questões dos povos indígenas paulistas.

Desde 1º de maio, o projeto de pesquisa intitulado *Diálogos simétricos: educação, culturas e territorialidades* participa de uma série de agendas, com palestras, seminários, visitas técnicas e reuniões na República Tcheca (Brno), na Áustria (Viena) e na Itália (Perúgia). Os encontros continuam até 8 de maio.

A Embaixada do Brasil na Áustria se dispôs a adquirir o material e doar à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e à ONG Kamuri. Esse episódio é um marco na preservação da diversidade linguística brasileira e mostra a importância de investir em iniciativas que registrem e protejam as línguas dos nossos povos originários, garantindo que as vozes do passado continuem ecoando.

Austríaco Richard Wettstein liderou expedição histórica